2ª SERIE — 12 DE MARÇO DE 1906

NUMERO 3

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EMPREZA DO JORNAL O SECULO — LISBOA

A TERRA DE MAIS LINDAS MULHERES DE PORTUGAL

1.º Concurso da Illustração Portugueza

Qual é a terra de mais lindas mulheres de Portugal? *Em que cidade, em que villa, em que aldeia vive a mais linda mulher de Portugal?*

Ahi está uma pergunta que interessa manifestamente a todos os homens.

Que a portugueza é linda sabemol-o bem todos nós. Não terá a graça purpurea e tumultuaria da andaluza, a scintillação e o encanto inconfundivel da franceza, a pelle rosea, os cabellos d'oiro, a «beauté du diable» da ingleza fina, a esculptura uberrima, fecunda e classica da allemã, mas tem os mais bellos olhos do universo, avelludados, cheios de sombras e molhados de ternura, tem o encanto da sua face oval, ingenua e perfeita, o rythmo admiravel dos movimentos e o prestigio supremo da voz, os mais lindos pés e as mais lindas mãos que se conhecem, e um não sei quê de graça espiritual e de tranquillidade submissa que é por si só superior a toda a perfeição e a toda a belleza.

Mas em Portugal houve uma complexa e lenta estratificação de raças, varias incrustações phenicias e gregas, sobretudo no littoral, zonas germanicas e conquistadoras especialmente nos grandes valles fecundos; os typos cruzaram-se n'uns pontos, conservaram-se mais ou menos puros n'outros; d'ahi, differenciações profundas não só de belleza mas de raça, isolando os typos de mulher das varias provincias e tornando-os, dentro do mesmo feitio commum, verdadeiramente inconfundiveis. Qual é d'esses typos o mais bello? A phenicia d'Ilhavo ou a celta de Vizeu? A tricana de Coimbra ou a extremenha do Riba-Tejo?

Em que terra vive a mais linda mulher de Portugal?

E' a pergunta que hoje a **Illustração Portugueza** *dirige aos photographos profissionaes e amadores de todo o paiz, convidando-os a enviar-lhe, com a indicação da terra onde cada uma d'ellas reside, a photographia das mais lindas mulheres que conhecerem, seja qual fôr a camada social a que pertençam,*

—a principiar pela mulher do campo, que constitue a maioria entre as mulheres de Portugal.

O praso do concurso será de sessenta dias a contar de hoje. Findo o praso, que se prolongará até 11 de junho, a **Illustração Portugueza** *convidará um pintor de renome, um esculptor eminente, um poeta notavel e um dos nossos mais illustres prosadores para se constituirem em jury e apreciarem os documentos photographicos recebidos. Do sensacional «veredictum» d'esse jury resultará saber-se qual a* **terra de mais lindas mulheres de Portugal**. *No seu numero de 2 de julho, a* **Illustração Portugueza** *tornará conhecido o resultado do concurso, publicando não só as photographias que obtiveram maior numero de votos, como um estudo profusamente illustrado ácêrca da terra vencedora e da raça preferida, dando pela ordem da votação o nome de cada cidade, villa, freguezia ou logar que tenha merecido ao jury qualquer classificação entre as* **terras de mais lindas mulheres de Portugal.**

O photographo ou photographos que contem as suas provas photographicas entre as classificadas receberão em premio, gratuitamente, a assignatura de um anno da **Illustração Portugueza**, *e terão o seu retrato publicado no nosso numero de 2 de julho, que será dedicado á* **Terra de mais lindas mulheres de Portugal.**

A **Illustração Portugueza** *vae d'encontro ás considerações que semelhante concurso poderia suscitar entre os mais escrupulosos, abstendo-se de conhecer os nomes ou quaesquer indicações pessoaes relativas ás mulheres photographadas. Pede apenas que os documentos sejam acompanhados da designação precisa da naturalidade,—nome da cidade, villa, aldeia ou logar. Nada mais.*

Que surprezas nos reservará este palpitante certamen? A phrase celebre do conto d'Eça de Queiroz onde Vizeu é citada como a terra de mais lindas mulheres de Portugal encontrará agora a sua confirmação? Ou a nobre Vizeu será vencida pela plebêa Ilhavo, onde Garrett affirma que viviam as mais lindas mulheres portuguezas? Ou Ilhavo será, por sua vez, vencida por qualquer modesto recanto do Algarve, do Minho, de Traz-os-Montes ou da Beira?

Qual será a **Terra de mais lindas mulheres de Portugal?**

Condições do concurso

1.°—Todas as photographias serão acompanhadas da designação da cidade, villa, freguezia ou logar a que se referem.

2.°—Todas as photographias serão acompanhadas do nome e morada do remettente, com a designação se é photographo amador ou profissional.

3.°—Não se receberão quaesquer photographias depois de 11 de junho.

4.°—Devolver-se-hão as photographias, depois de publicado o resultado do concurso, aos concorrentes que as requisitarem.

5.°—A *Illustração Portugueza* reserva-se o direito de publicar todas as photographias que merecerem do jury menção especial.

6.°—O jury será constituido por um pintor, um esculptor, um poeta, um prosador e um critico de arte, convidados entre os mais illustres artistas portuguezes.

7.°—A *Illustração Portugueza* publicará no seu numero de 2 de julho os resultados do concurso, acompanhados de um estudo descriptivo, profusamente illustrado pela photographia e por primorosos desenhos da terra classificada em 1.° logar.

8.°—O photographo ou photographos, que para essa classificação tenham concorrido com um ou mais documentos, receberão em premio, gratuitamente, durante um anno, a *Illustração Portugueza*, e terão o seu retrato publicado no nosso numero de 2 de julho, dedicado á **Terra de mais lindas mulheres de Portugal.**

AGUARELLA D'EL-REI

Offerecida á Sociedade de Aguarellistas de Paris

A VIDA INTIMA DA IMAGEM DO SENHOR DOS PASSOS

A Procissão do Senhor dos Passos

A procissão do Senhor dos Passos da Graça, realisada em sexta feira ultima, veiu actualisar algumas notas curiosas ácêrca da mais aristocratica das imagens lisboetas.

De ha quarenta ou cincoenta annos para cá, nenhuma outra esculptura religiosa tem conseguido tão extensa e tão selecta clientela: é a imagem da moda, a imagem do bom tom, a imagem a cuja porta param as mais ricas equipagens de Lisboa, e em cujo mealheiro mãos finas e enluvadas de branco deixam cair as mais avultadas esmolas.

Pode affirmar-se que o Senhor dos Passos do velho convento graciano tem excellentes relações no mundo politico, no mundo diplomatico, no mundo elegante, e já hoje conta uma bella e solida fortuna empregada em papeis de credito e em predios urbanos. E' possivel que muitos dos seus devotos venham a ser ámanhã... seus inquilinos. Tem joias riquissimas como uma cantora italiana e faz-se vestir por grandes do reino, como Luiz XIV. A intriga politica chegou mesmo um dia a apontal-o como um dos mais terriveis crédores do duque de Saldanha. Contraste vivo com a humildade evangelica, o Senhor dos Passos da Graça significa — a Elegancia. Contradicção flagrante da pobreza christã, a veneranda esculptura representa—o Capital.

Não admira, pois, que a vida intima d'uma imagem elegante e capitalista interesse á maioria devota dos nossos leitores, e, muito particularmente, á maioria das nossas leitoras, para quem as sextas feiras do Senhor dos Passos constituem uma exigencia mundana tão impreterivel, como as segundas feiras da condessa de *** ou como as quintas feiras da ministra de ***...

Mesmo em materia de religião, *le monde marche*...

Antes de tudo, uma revelação curiosa: a imagem actual que os fieis veneram na egreja da Graça não é a imagem authentica: é uma contrafacção.

A verdadeira imagem, aquella que o pintor de azulejos e de retabulos Luiz d'Andrade comprou a um esculptor genovez nos fins do seculo XVI, a mesma que assombrou Lisboa com os seus milagres e levou os jesuitas de S. Roque a mover aos frades agostinhos da Graça a conhecida demanda de que resultou a procissão, a imagem authentica, n'uma palavra, ficou sepultada pelo terremoto de 1755 nas ruinas da egreja das Monicas.

Houve, portanto, uma substituição, ou antes, uma escamoteação, cuja historia é a seguinte:

O que o pintor comprou ao artista italiano não foi verdadeiramente uma imagem, foi apenas uma cabeça do Senhor dos Passos. Luiz d'Andrade, de quem a convivencia e a lição do dominicano Frei Luiz de Granada fizeram um mystico, offereceu immediatamente a preciosa cabeça aos gracianos, e elle proprio lhe adaptou um corpo de roca e lhe vestiu uma pobre tunica. Se a esculptura era má, a adaptação ficou ainda peor. Entretanto, com pasmo dos jesuitas de S. Roque que a tinham desdenhado, a imagem, apesar de grosseira e de imperfeita, começou a florescer em milagres e a encher de justo espanto a Lisboa devota do seculo XVII. O que era apenas uma detestavel obra d'arte converteu-se n'uma assombrosa fonte de receita. D'ahi, a longa demanda dos jesuitas, demanda que, finalmente, se resolveu pela imposição d'uma visita annual do Senhor á egreja de S. Roque. Fez-se a primeira procissão: mas a sua imagem, com a sua cabeça horrivel a oscillar n'um corpo esguio e ôcco, sem pés e sem mãos, ajoujada sob o peso inverosimil d'uma cruz enorme, era tão pouco propria para exhibição em plena rua e em plena claridade, corria-se tanto o risco de diminuir assim o prestigio da invocação e a devoção do povo, que os irmãos resolveram immediatamente mandar fazer nova esculptura a outro artista italiano então residente em Lisboa, esculptura que fosse perfeita, articulada, moderna e decente. A procissão poude então realisar-se sem perigo de escandalos que diminuissem a receita, e a velha imagem, já vantajosamente substituida, foi mandada pela irmandade para o convento das Monicas.

Os nobres agostinhos viram-se livres do antigo Senhor, presenteando ao mesmo tempo galantissimamente as madres. Eram intimos amigos — communicações subterraneas.

Veiu então o terremoto de 1755 — um terremoto conhecedor, um terremoto artista — e, sepultando a primeira imagem, teve o bom senso admiravel de conservar a segunda...

◉

A imagem actual do Senhor dos Passos da Graça tem tres pés, um dos quaes serve ao beijo de suas magestades. Faz *toilette* uma vez por anno nas vesperas do seu saimento solemne. Essa *toilette*, cujo cerimonial é complicadissimo, começa por uma especie de *vernissage* mais complicada ainda, feita pelo patriarcha ou pelo vigario do patriarchado: o prelado reveste-se d'um sumptuoso gremial, e depois de se ter desnudado a imagem toma um pincel pequeno, mergulha-o n'uma salvasinha de prata em fórma de olheiro onde se contém agua de Colonia, e lava minuciosamente primeiro a face, depois o corpo da imagem. Essa agua de Colonia é acto continuo offerecida aos devotos, como singular reliquia. Segue-se a *toilette*, a que ajuda o provedor: primeiro vestem-lhe uma camisa de bretanha, depois umas ceroulas de rendas, uma jaléca de velludo roxo bordada a ouro — ó assombrosa reconstituição da indumentaria antiga! — e por

cima de tudo isto a classica tuniquela, em cujas mangas a aia, introduzida então, vem dar os ultimos pontos e os ultimos retoques. O cargo de aia do Senhor dos Passos anda, desde ha longos annos, na casa dos srs. marquezes de Fronteira: a actual é a sr.ª marqueza, já bastante cançada de vista, cujas mãos são, n'este acto do ritual, piedosamente guiadas por sua prima. A's roupas, succede a cabelleira, que o provedor adapta sobre o craneo de madeira da imagem, já convenientemente penteada e restaurada. A ultima cerimonia é a da collocação do grande resplendor d'oiro, offerta d'El-Rei D. João V, que tinha pela milagrosa imagem dos frades gracianos uma sincera e commovida devoção. Tudo isto é executado á porta fechada na capella da Senhora da Soledade. Finda a *toilette*, o prelado desprende o gremial, os cantores da capella entoam o *Miserere*, são distribuidas pelos devotos as fitas, as linhas, as agulhas, — e a sumptuosa imagem está prompta a entrar no seu camarim de damasco rôxo e a dar o seu passeio annual a caminho de S. Roque.

Como se vê, é uma minuciosa *toilette* de capitalista elegante. E não lhe falta nada: lá tem o seu estojo de costura, com tesouras e dedaes de prata, e a sua almofadinha d'alfinetes, bordada a ouro com os estygmas da Paixão...

A procissão do Senhor dos Passos da Graça faz-se desde 1578.

Durante os seculos XVII e XVIII foi uma procissão secundaria, sem importancia de maior, se a compararmos com a de S. Sebastião, com a da Annunciada ou com a do *Corpus-Christi*. Depois, no seculo XIX, começou a revestir um caracter declaradamente aristocratico, a nobilitar-se, a interessar a côrte e o paço. D. José, D. Marianna Victoria, D. João VI, a rainha D. Carlota Joaquina, as infantas, todos teem as suas assignaturas no livro dos protectores. N'outro livro de capa de velludo vermelho existe o documento em que D. Miguel declara acceitar o cargo de provedor, fazendo-se d'ahi em deante representar nas cerimonias pelo marquez de Bellas. Mesmo nos mais graves periodos da sua historia, atravez invasões e pestes, a procissão dos Passos nunca deixou de sair. Entretanto, para a imagem, a crise mais angustiosa foi a da primeira invasão franceza, durante a qual Junot roubou todas as pratas e joias da irmandade.

As cerimonias do saimento processional teem-se modificado bastante, especialmente durante o seculo passado. Era costume na antiga procissão dos Passos ir o povo no couce da charola cantando o *Bemdito*. Esse costume, que foi abolido em 1859, deu logar a escandalos medonhos. O mesmo succedia com o farricoco da trombeta, personagem que precedia o cortejo e que foi egualmente prohibido em 1860. Hoje tudo se faz sobria e decentemente. O seculo XX tem apenas uma coisa a prohibir: é o beijo no pé da imagem. Realmente, custa a comprehender que na cidade que instituiu uma Assistencia Nacional aos Tuberculosos, que prégou os perigos do contagio e fez coalhar as paredes de avisos e o chão de escarradores, se consinta ainda esse beijo promiscuo e assassino no calcanhar de madeira d'uma estatua.

Porque a verdade é que, por maior que seja uma fé, nunca poderá ir até ao ponto de attribuir ao pé do Senhor dos Passos virtudes... antisepticas.

Dois Retratos Ineditos de D. João VI

Passou no dia 10 de março o 80.º anniversario da morte de El-rei D. João VI.

É ocioso relembrar as extraordinarias circumstancias em que occorreu essa morte e a onda de suspeitas que ella levantou. Todos conhecem essa triste época da nossa historia e sabem até que tremendo ponto as responsabilidades pesam sobre a camarilha dos «corcundas» de Queluz. Ninguem hoje duvida de que D. João VI foi victima do *complot* apostolico, como ninguem duvida de que ao mesmo *complot* de frades, de picadores, de mendigos e de parasitas se deveu o assassinio do velho marquez de Loulé. Foram duas sentenças dictadas pelo mesmo odio, duas paginas de sangue escriptas pelo mesmo punho. Todos as conhecem. É inutil recordal-as.

Mas o que não é de mais dizer-se, aquillo em que reputamos dever nosso insistir, porque representa a paga d'uma divida deixada em aberto pela historia contemporanea, é na affirmação das virtudes e do caracter d'esse homem que a politica do tempo e o impudor de uma mulher cobriram injustamente de ridiculo. D. João VI foi mais alguma coisa do que o degeneradão grotesco, flacido e porco, que o mais dissolvente dos nossos historiadores nos faz vêr a bambolear dentro d'uma berlinda doirada. Não foi apenas o marido infeliz de *vaudeville*, que corria de bastão em punho e com as lagrimas nos olhos atraz da mulata Leonor, confidente dos amores da rainha com o almoxarife do Ramalhão e com o marquez de Marialva. Não foi apenas o prognatha que a perpetuação d'um estygma hereditario da casa d'Austria tornou risivel e disforme. Foi mais alguma coisa do que isso: foi um homem bem intencionado e justo, um magistrado prudente e conciliador, ponderado e cheio de bonhomia, fraco muitas vezes por ternura e por cegueira, mas prestigioso bastante para mais de uma vez, em crises tremendas de convulsão politica, ter evitado sabiamente os horrores d'uma revolução. D'um homem desgraçado é moralmente impossivel fazer-se um grande rei: D. João VI deu o mais e o melhor que podia ter dado, nas excepcionaes circumstancias da sua vida intima. Bonacheirão, simples, sincero, com os treze crachás espetados no peito e os bolsos da casaca litteralmente cheios de rapé, passou metade da existencia entre os escandalos da mulher e a rebellião dos filhos. Na celebre jornada da poeira, deante das demonstrações militares de D. Miguel, quando seria necessario um rasgo de força e uma lição severa, limitou-se a cair nos braços de Hyde-de-Neuville, chorando como uma criança. Como havia elle de revestir as apparencias d'uma vontade de ferro, se era nas luctas da propria familia que gastava as maiores energias do seu espirito e do seu caracter? O maior defeito de D. João VI não foi a hesitação, não foi a perplexidade, não foi a

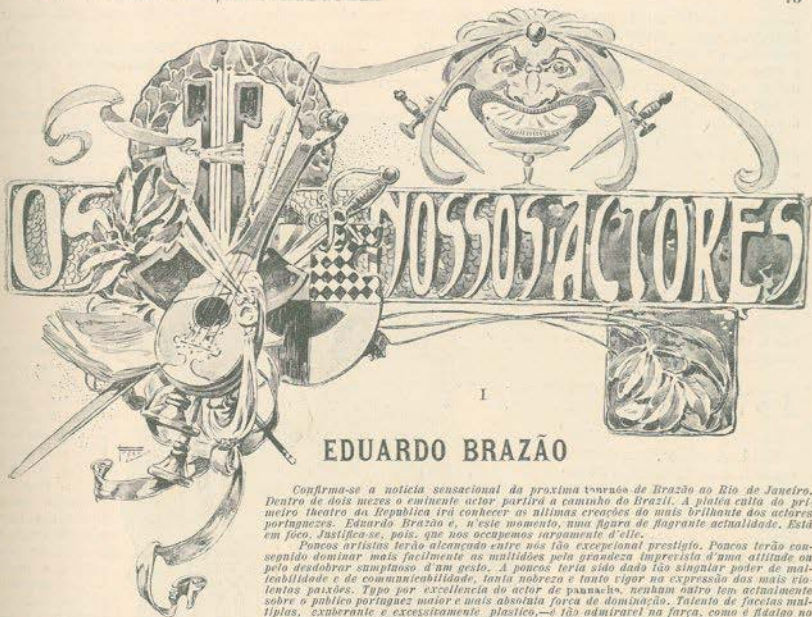
fraqueza: o seu maior defeito, o seu irremediavel defeito, foi a mulher, foram os filhos. «*Les differences sont exterieures, partout l'homme est l'homme*» —disse Voltaire. É preciso não esquecer, quando se faz a historia d'um rei, que se está fazendo a historia d'um homem.

Os dois retratos que acompanham estas linhas devem-se ao lapis do mais intenso e do mais original artista portuguez dos fins do seculo XVIII, principios do seculo XIX, Domingos Antonio de Sequeira, e são inteira e absolutamente ineditos. A *Illustração Portugueza*, que os encontrou n'uma riquissima collecção particular, reprodul-os no presente numero, certa de que fixa d'este modo dois dos mais interessantes documentos para a iconographia de D. João VI.

Pouco se tem escripto acerca da physionomia d'este principe e sobre o valor da sua estygmatisação. Sem duvida, D. João VI representa o typo puro da face adenoide,—mas não são n'elle muito nitidos os estygmas osseos caracteristicos da casa d'Austria: o desenvolvimento do beiço inferior é mais evidente do que o prognathismo. Mostra-o bem o retrato de perfil, que data dos primeiros annos da Regencia. O outro retrato, onde ha uma manifesta allusão á Carta, é mais composto e menos typico: o caracter da composição obrigou ahi o artista a corrigir os traços mais evidentes da estygmatisação dos Habsburgos, para lhes dar quanto possivel uma expressão heroica. Entretanto, ambos os desenhos são interessantissimos, e ahi ficam como subsidio valioso da *Illustração Portugueza* para a iconographia da casa de Bragança.

RETRATOS DE D. JOÃO VI, POR DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA
(Da collecção do sr. José Mauricio Rebello Valente)

OS NOSSOS ACTORES

I

EDUARDO BRAZÃO

Confirma-se a noticia sensacional da proxima tournée *de Brazão ao Rio de Janeiro. Dentro de dois mezes o eminente actor partirá a caminho do Brazil. A platéa culta do primeiro theatro da Republica irá conhecer as ultimas creações do mais brilhante dos actores portuguezes. Eduardo Brazão é, n'este momento, uma figura de flagrante actualidade. Está em fóco. Justifica-se, pois, que nos occupemos largamente d'elle.*

Poucos artistas terão alcançado entre nós tão excepcional prestigio. Poucos terão conseguido dominar mais facilmente as multidões pela grandeza imprevista d'uma attitude ou pelo desdobrar sumptuoso d'um gesto. A poucos teria sido dado tão singular poder de malleabilidade e de communicabilidade, tanta nobreza e tanto vigor na expressão dos mais violentos paixões. Typo por excellencia do actor de panache, *nenhum outro tem actualmente sobre o publico portuguez maior e mais absoluta força de dominação. Talento de facetas multiplas, exuberante e excessivamente plastico,—é tão admiravel na farça, como é fidalgo no drama, como é magestoso e sobrio na tragedia. São-lhe egualmente familiares a leveza da mascara d'Arlequim e a solemnidade augusta do cothurno grego. Corre sem esforço toda a escala,—da galanteria á violencia, do riso ás lagrimas. Dá indifferentemente a mão a Shakespeare como conduz pelo braço Marivaux. No seu guarda-roupa ha de tudo,—desde a sobrecasaca moderna ou* tuyau d'orgue *até ao gibão negro de Hamlet; desde a murça de cardeal até á samarra de Manelich; desde a toga picta de Petronio até á dalmatica sumptuosa de Othello. É mais alguma coisa do que um grande, do que um excepcional comediante: é um tratado vivo da paixão humana, é uma soberba e polymorpha incarnação da Vida.*

Tudo quanto possa escrever-se ácerca d'este homem interessa manifestamente o publico. «Só admiramos as pessoas que não conhecemos», *—disse um dia o galante marquez de Boufflers. Mas com os artistas, e sobretudo com os grandes artistas, dá-se precisamente o contrario: aprendendo a conhecel-os, aprende-se a admiral-os. O mais nobre elogio que se póde fazer d'um homem que attingiu a celebridade, é contar a via-dolorosa que elle teve de percorrer para a attingir. Brazão foi, é certo, dos que mais luctaram: mas poucos terão conseguido, como elle, um tão ruidoso e insolente triumpho.*

Os apontamentos ineditos e interessantissimos que a seu respeito pudemos obter, dando a impressão viva do artista, constituem ao mesmo tempo um valioso subsidio para a historia do theatro portuguez nos ultimos trinta annos.

BRAZÃO ASPIRANTE DE MARINHA © A BORDO DA CORVETA «BARTHOLOMEU DIAS» © UMA AVENTURA GALANTE © A PRINCEZA D. MARIA PIA DE SABOYA

Em setembro de 1862, a bordo da corveta *Bartholomeu Dias*, navio chefe da flotilha que foi buscar a Genova a princeza Maria Pia de Saboya, embarcaram com a guarnição dois dos antigos aspirantes de marinha de 3.ª classe, crianças de 11 a 12 annos. Um d'elles, muito protegido do almirante, visconde de Soares Franco, era um encanto de petiz, muito loiro, muito branco, muito pequenino,—tão pequenino que todos diziam na Escola que não crescia mais. É claro, nenhum serviço fizeram a bordo até ao embarque da princeza; mas ao levantar ferro em Genova, quando já a «Bartholomeu Dias» trazia no seu seio a futura Rainha de Portugal, o duque de Loulé lembrou-se de que os dois aspirantesinhos podiam dar, sem esforço, dois excellentes pagens. D'ahi por diante, estava sempre um d'elles de serviço á camara da Princeza-noiva, junto á porta, sentado n'um grande banco forrado de damasco carmezim. Era galante, era quasi antigo-regimen, era sobretudo enternecedor vêr um solemne aspirante de marinha de 12 annos de guarda á camara d'uma Rainha de 15.

Uma bella noite, estando justamente de sentinella o mais louro e o mais pequenino dos dois aspirantes, succedeu prolongar-se indefinidamente o jantar da princeza. Não sahiam de lá de dentro, nem pelo demonio, os grandes dignitarios de serviço. O petiz, cheio de somno, já não sabia que fazer: passeava, cantarolava, sentava-se, levantava-se,—e por fim, já farto de esperar, tirou a espada, atirou-se sobre o banco e adormeceu. D'ahi a pouco a porta abriu-se, jorrou luz, e os dignitarios, a duqueza da Terceira, o duque de Loulé, o almirante, o general Caula, sahiram com a princeza, que costumava acompanhal-os gentilmente até á ante-camara. Ao passar junto do dorminhôco, que não dava accordo de si, Soares Franco, furioso, ia para sacudil-o,—mas a futura rainha interpoz-se n'um sorriso, levou o dedo aos labios ordenando silencio, correu a buscar dôces, embrulhou-os, pôl-os sobre o banco onde o aspirantesinho dormia, e pé ante pé approximou-se

d'elle e deu-lhe um beijo. Quando o pobre petiz acordou, extremunhado, tinha em volta de si o general, o almirante, os officiaes, as damas, toda a gente, que lhe gritava aos ouvidos, quasi com despeito, quasi com inveja:

—«Dá cá o beijo, maroto! Apanhaste um beijo d'uma princeza! Isso é que é ter sorte!»

Mas o pequeno aspirante, corrido, envergonhadissimo, não quiz saber de mais nada: agarrou os bolos, apanhou uma aberta. . e fugiu.

...Era Eduardo Brazão.

Foi assim que o illustre artista começou a ser celebre,—muito antes de ser actor. Ainda não tinha pisado o palco, — e coisa curiosa! — já era conhecido, até já era invejado. Singular destino das creaturas fadadas para a celebridade, — que até a inveja as procura antes de as ter ungido o talento!

BRAZÃO ACTOR ◉ O SEU PRIMEIRO EMPREZARIO ◉ UMA ESTREIA INFELIZ ◉ A AMIZADE DE TASSO

Evidentemente, Brazão não era um homem do mar. Continuou os estudos, é certo, continuou-os arrastado e constrangido, — mas já na Escola Naval não poude mais, atirou a nautica para cima dos moinhos, correu ao theatro do Principe Real de que era então emprezario o Cesar de Lima, e offereceu-se, n'uma phrase terminante:

—Meu caro senhor, eu quero representar.

Cesar de Lima, então um bohemio incorrigivel, que acabava de raptar uma Ignez de Castro, de corôa e manto, no meio d'uma recita d'amadores, e cujo maior divertimento pelo Natal era atirar milho e semear a confusão entre os perús do largo de S. Domingos, —olhou o pretendente com aquelles olhos esbugalhados que foram sempre um dos seus maiores recursos comicos, e disse-lhe em voz cavernosa:

—Se o menino quer representar, venha commigo para o Porto. Mas não ganha nem um vintem. Arranje-se como quizer.

O antigo aspirante reflectiu um momento, deitou contas á vida, passou nervosamente os dedos pela cabelleira loira, e concluiu com firmeza, encarando o seu primeiro emprezario:

—Sim senhor. Está combinado.

Pouco depois, estreiava-se no theatro Baquet do Porto, fazendo o galã da peça de Leite Bastos *As Trapeiras de Lisboa*. Era tão desageitado, tão infeliz, andava pela scena tão desastradamente, era uma tão acabada e solemne negação para o theatro, que tendo de entrar em certa altura da peça e de dirigir-se á actriz Margarida Lopes dizendo *«Oh, minha mãe!»*, não se passava uma noite em que não arrumasse á pobre senhora a mais violenta das pisadellas. Os artistas já sabiam, e iam assistir á scena para os bastidores.— *«Oh! minha mãe!»* gritava Brazão atirando-se com enthusiasmo.— *«Que grande bruto!»* respondia a actriz em voz alta, levantando o pé dorido. A negação do pobre rapaz era de tal ordem, que na peça seguinte já não lhe deram o galã: deram-lhe um criado. Brazão, o eminente Brazão d'hoje, vinha entregar á scena um bilhete n'uma bandeja de prata. *«Precisa-se d'um preceptor»* era o titulo d'essa se-

Eduardo Brazão no «Hamlet»

Um aspecto do gabinete do actor Eduardo Brazão

gunda peça, em que ao principe dos comediantes portuguezes coube um tão desqualificado papel.

Aviso aos novos d'agora: era assim que se começava em theatro, no anno da graça de 1866!

Entretanto, o novo actor ia-se pulindo. O aspirante loiro e pequeninc, q ue na Escola se duvidava que crescesse, tornára-se um esbelto e flexuoso rapaz, uma figura firme e original, galante e nervosa, capaz de dizer a uma mulher o *«amo-te»* convencional das grandes peças, e de vestir com nobreza o gibão de velludo dos dramalhões romanticos. Annunciava-se para breve a abertura do theatro da Trindade,—acabado de construir sobre as ruinas d'um antigo palacio da casa de Alva, junto d'outras ruinas venerandas do convento dos Trinitarios. Francisco Palha «o senhor Palha», como lhe chamavam respeitosamente os actores do tempo, especie de Morgan emprezario de 1870 que chegou quasi a realisar o *trust* dos theatros, — andava atarefado a formar a maior e mais estupenda companhia de que houve memoria nos annaes dramaticos de Portugal. Um dia viu Brazão e escripturou-o por tres annos. — «É um rapazito que dá esperanças» — dizia elle. E aos nomes de Tasso, de Delphina, de Emilia Adelaide, de Emilia dos Anjos, de Izidoro, de Joaquim d'Almeida, de Marianna Ferraz, de Virginia, de

Brazão no «Bibliothecario» (retrato do pintor Ramalho)

Eduardo Brazão no «Alcacer Kibir»

Rosa Damasceno, de Queiroz, de Leoni, — juntou o nome obscuro de Eduardo Brazão. Como, na data marcada para a inauguração, o novo theatro da Trindade não estivesse prompto ainda, a companhia de Francisco Palha foi dar alguns espectaculos, primeiro no Principe Real, depois em S. Carlos. Entre outras peças, Brazão teve papel na *Lampada Mararilhosa*, no *Cortiço do tio Guilherme*, nos *Dois Anjos*, em que Virginia era a ingenua, na *Alva Estrella*, de Mendes Leal, e na *Cigana*. Já se começava a sentir o actor atravez das suas modestas creações. Era gracioso, elegante, natural, e sobretudo,—bonito. Tasso interessava-se por elle como um verdadeiro amigo, e Delphina, a grande, a incomparavel Delphina, a maior caracteristica que tem tido o theatro portuguez, protegia-o e aconselhava-o maternalmente. Iam ambos vel-o representar, para entre bastidores, seguiam-n'o, incitavam-n'o, queriam que elle fizesse prodigios, e quando baixava o panno sobre alguma peça nova, Tasso, eternamente insatisfeito com o discipulo, era certo crescer para elle, de punhos cerrados:

—«Não tens sangue n'essas veias! Tens capilé! Capilé,—é o que tu tens!»

Coisa curiosa: o actor de mais fogo e de mais alma que tem hoje o nosso theatro era accusado, no principio da sua carreira, de ser um actor frio, pallido e sem sabor!

Eduardo Brazão nos «Velhos»

NO TRINDADE ◉ NO RIO DE JANEIRO ◉ NO GYMNASIO ◉ A «FAMILIA BENOITON» ◉ O PRIMEIRO TRIUMPHO

Entretanto, o Trindade abriu. Ia começar um dos mais brilhantes cyclos do theatro portuguez. Na noite de inauguração representaram-se duas peças,—uma n'um acto, o *Xerez da Viscondessa*, outra em tres, a *Mãe dos Pobres*. Na primeira fazia Brazão um sargento aspirante, e na segunda um pescador. Foi o grande artista o primeiro a falar, e Izidoro o primeiro a colher uma ovação. O baptismo do theatro fizera-se sob uma chuva de flôres. A companhia de Francisco Palha estava lançada.

D'ahi por diante accumularam-se triumphos sobre triumphos. Á *Mãe dos Pobres* seguiu-se o *Barba Azul*, com Brazão no «principe Saphir» e Rosa Damasceno na «Pastora»; depois o *Barbeiro de Sevilha;* a *Mocidade de Figaro;* a *Rosa de Sete Folhas*, magica de Aristides Abranches; as *Pupillas do sr. Reitor;* o *Medico á Força*, com Taborda, e a *Familia Benoiton*, que fez epoca em Lisboa. A influencia do theatro sobre os costumes e sobre as modas era então assombrosa. As senhoras, mettidas no seu immenso sino de merinaque, ao mesmo tempo encantadoras e grotescas, ingenuas e caricaturaes, começaram a usar «botinas á Benoiton», «penteados á Benoiton», «anneis á Benoiton». Os camarotes do Trindade enchiam-se todas as noites. A *jeunesse-dorée* do Marrare, farta de S. Carlos, sentia-se bem abrindo uma trégua nas estopadas de Donizetti e nas pantalonas côr de rosa das bailarinas. E como nos bons tempos da Tavola e da Galvani, da Barili e da Boccabadati, os frequentadores do Trindade lançavam ao ar esta interrogação de desafio:

—«Qual é a mais bonita, a Rosa Damasceno ou a Manoela Rey?

Mas os tres annos de escriptura passaram. N'isto, chegou a Lisboa Furtado Coelho, o galante Furtado,—supremo temperamento d'artista, ao mesmo tempo escriptor, actor, pintor, virtuose, homem do mundo e emprezario feliz. Tentou Brazão para uma *tournée* ao Brazil, convenceu-o e levou-o. No Rio de Janeiro, com Lucinda Simões, representaram a *Calumnia*, de Scribe, a *Timidez de Cornelio Guerra*, que acabamos de vêr em D. Maria pelo Carnaval, a *Fernanda*, a *Estatua de Carne*, a *Morgadinha*, fazendo Brazão o «primo», as *Duas Bengalas*, do repertorio de Joaquim d'Almeida, o *Frei Luiz de Souza*, fazendo Brazão o «Frei Jorge», e o *Ultimo Acto*, original de Camillo Castello Branco.

Eduardo Brazão na «Leonor Telles»

Mas a ausencia foi curta. Em 1874 já o illustre artista estava de volta a Lisboa, com escriptura no Gymnasio.

Datam d'então os seus primeiros e authenticos triumphos. Foi n'este theatro pequenino mas de fidalgas tradições, incrustado entre edificios burguezes, sem solemnidade e quasi sem caracter, que Brazão se revelou finalmente um grande e poderoso actor. Até ahi, tinha feito apenas galãs comicos e pequenos *bouts-de-rôle* dramaticos sem maior responsabilidade; pesava ainda sobre elle a condemnação do Tasso, para quem Brazão era um actor galante, precioso, natural,—mas frio. Polla, que já o experimentára em duas peças de mais folego, o *Pedreiro Livre*, de Cunha Belem, e a *Fructa do Tempo*, de Braz Martins, começou a desconfiar de que o que manifestamente havia em Brazão era o fundo d'um grande actor dramatico. Tinha feito traduzir, por Coutinho de Miranda, um dramalhão francez intitulado *High-Life*, onde o primeiro papel era o d'um galã de excepcional intensidade, violento, apaixonado, escabroso e difficilimo: quando se tratou de o distribuir, teve uma inspiração de illuminado e entregou-o a Brazão. Começaram os ensaios. A principio, nos ensaios de marcação, nada de novo: a peça parecia boa, todos estavam contentes com os papeis, Polla esfregava as mãos e sorria. Só Brazão andava apprehensivo, triste, preoccupado. D'ahi a pouco principiaram os apuros. Brazão não apurava. Todos o olhavam de soslaio, o Polla já não sorria, havia um certo mal estar em toda a gente, dizia-se á bôcca pequena que «o rapaz não podia com o papel». Um dia, de repente, na scena mais violenta, Brazão começa a apurar, com todo o brilho, com toda a força: todos estavam espantados, encantados com elle, iam abraçal-o, iam beijal-o,—mas subitamente estaca, suspende-se, veem-lhe as lagrimas aos olhos, tem um momento de furia, atira o papel sobre a caixa do ponto e desata a chorar como uma creança:

—«Eu não faço isto! Eu não sei fazer isto!»

Oito dias depois tinha a maior ovação da sua vida, e uma multidão inteira, sacudida n'uma convulsão d'enthusiasmo, consagrava-o definitivamente.

É outra lição aos novos. A historia do theatro portuguez contemporaneo é fertil em exemplos e em ensinamentos.

Eduardo Brazão no «Hamlet»

Eduardo Brazão na «Maria»

Eduardo Brazão no «Alfageme de Santarem»

A PRIMEIRA DO «KEAN» EM 1878 — A EMPREZA BRAZÃO, BIESTER & C.ª — A CELEBRIDADE DE BRAZÃO

Brazão fez ainda no theatro do Gymnasio varias peças e, entre ellas, a *Christã*, a *Eugenia Milton*, o *Pae prodigo*, e por ultimo os *Engeitados*, d'Antonio Ennes, outro successo estupendo para o eminente actor, depois do qual o nome de Brazão começou a ser uma honra para o cartaz d'uma empreza.

Este exito marcou a sua entrada no theatro de D. Maria II,—então empreza de Santos Pitorra. O seu debutte fez-se na peça — *Um homem e metade d'uma mulher*, comedia interessantissima em que a mulher, que era a Barbara, só apparecia da cintura para cima, n'uma escada d'alçapão. Seguiu-se uma serie de peças n'um acto, que fez furor: o *Fura-vidas*, de que resta uma bella carricatura de Bordallo; *Junto com minha mãe*; *Amor em cinco minutos*; *Gostos não se discutem*,— e outras, varias outras. Brazão era endemoninhado, engraçadissimo, cheio de *verve* e de movimento. D'ahi por diante, foram tantos os successos como as peças. Fez o *Bastardo*, com o Alvaro, e o *Gustavo o Bom*, com Theodorico. No *Tartufo*, elle e Amelia Vieira faziam os dois pequenos,—ella n'um elegante Luiz XV, empoada, picada de joias e de moscas de tafetá, elle na sua casaca de seda vermelha, de tricorne debaixo do braço e bastão de punho d'oiro: era um par lindo, um delicioso par de Saxe para cima d'um tremó seculo XVIII. Seguiu-se *Cadet Roussel*, *Rabagas*, a *Magdalena*, de Pinheiro Chagas, a *Maria Antonietta* de Giacometti, a *Fernanda* com a Emilia Adelaide, o *Pedro Ruivo*, com o Antonio Pedro, as *Sabichonas* de Castilho, e por ultimo o *Mr. Alphonse*, de Dumas, com a Gertrudes.

Com esta ultima peça deu-se um caso curioso. Era uma *première* de sensação. Estava a familia real no camarote. O theatro regorgitava de damas conspicuas e implacaveis em materia de desbragamento de linguagem. A certa altura, a Gertrudes tinha de voltar-se para Mr. Alphonse, que era Brazão, e de lhe dizer: — «*Não se lembra, este grandissimo impostor!*» Mas de repente ataranta-se, prende-se-lhe a saia n'um canapé da scena, cerra os dentes, fica furiosa, e nas bochechas do rei, da côrte e da moralidade, sae-se com esta:

— «*E não se lembra, este grandissimo estupor!*»

Foi uma gargalhada geral. Os leques velavam as faces, e houve burguez que pensou em retirar-se com a mulher e com os filhos: julgavam que era da peça.

Á empreza Santos, seguiu-se a empreza Brazão, Biester & Companhia, que principiou em 1876 e durou 2 annos. Entre outras peças, fez a *Leonor de Bragança*, de Sousa e Vasconcellos, a *Varina* de Fernando Caldeira, o *Rosalino* de Guilherme de Azevedo, o *Bobo* d'Herculano, com Joaquim d'Almeida, a *Duqueza de Caminha* com Emilia das Neves, o *Hernani*, a *Dora* com a Palladini, artista italiana que viéra com o Rossi e ficára entre nós, e por ultimo a *Mantilha de renda* de Fernando Caldeira, com um successo extraordinario, acompanhando outra peça que cahiu redondamente: o *Heroe do Chiado* de Moura Cabral.

Mas n'esta empreza, a grande peça de Brazão foi o *Kean*. Biester não tinha fé nenhuma no velho drama de Dumas pae, hesitava em montal-o e pretendia dissuadir Brazão, na sua voz roufenha, cofiando as suissas:

— Olha que tu estendes-te! Lembra-te que o Izidoro cahiu, que o Magioly cahiu...! Tu estendes-te com certeza!

— Não faz mal, — respondia tranquillamente o grande artista. — Põe a peça.

D'ahi a pouco, montava-se o *Kean*. Biester ia assistir aos ensaios, e passeando com Brazão ao fundo da scena, apprehensivo, bisonho, um pouco curvado, não fazia senão repetir-lhe, com uma insistencia irritante, na mesma toada rouca de arthritico e de fumador:

— O Izidoro cahiu, o Magioly cahiu... Tu estendeste, não ha duvida! Vaes pelo buraco do ponto, é pela certa!

Isto passava-se em 1878. Estamos em 1906... e a grande corôa de Brazão ainda é o *Kean!*

A EMPREZA ROSAS E BRAZÃO ◉ UMA REVOLUÇÃO NA «MISE-EN-SCENE» ◉ A CLAQUE ◉ TRES PRINCIPES DO THEATRO PORTUGUEZ ◉ CREAÇÕES NOTAVEIS

Em 1880 constituiu-se a empreza Rosas & Brazão. Esta data inicia um dos mais brilhantes e fecundos periodos do theatro portuguez contemporaneo, e marca um progresso evidente nos processos de *mise-en-scene* e no desenvolvimento das artes subsidiarias do theatro. Os tres principes da scena portugueza, apesar de desligados hoje, hão de continuar indissoluvelmente unidos no nosso espirito pelo grande laço da sua obra commum. Foram elles que introduziram e radicaram entre nós os processos do naturalismo moderno na arte de representar. Deve-se-lhes quasi uma revolução. Começaram então a fazer-se reconstituições d'epocas, a cuidar-se a indumentaria, a obrigar-se o mobiliario aos estylos. O grande scenographo Manini foi o braço direito da empreza. Tentou-se a abolição de velharias tradicionaes e de antigos habitos inveterados. Chegou-se mesmo a passar, no *nouveau jeu*, os limites impostos pela prudencia. Na *Estrangeira*, primeira peça montada pelos novos societarios, peça que fez verdadeira sensação, que agradou immenso, que teve um numero consideravel de representações, — grande successo d'Augusto Rosa, — o panno cahia todas as noites sobre cada um dos cinco actos sem que se ouvisse uma palma: Rozas & Brazão tinham abolido a *claque*. Confirmou-se então o que já de ha muito estava provado em thea-

Eduardo Brazão no Duque de Vizeu

tro: por mais que uma peça agrade, se não houver *claqueurs* que puxem a ovação, ninguem a applaudirá. A *claque* é, pois, em Portugal, uma instituição necessaria. A empreza convenceu-se d'isso, — e d'ahi por diante todos os grandes successos tiveram a chancella do publico.

Depois da *Estrangeira*, em que Brazão não entrava, succederam-se os triumphos. Ainda em 1880, o grande actor fazia o *Drama novo*, com Anna Cardoso, o *Grande Homem*, peça de Teixeira de Queiroz (Bento Moreno), o *Luxo* de Antonio Ennes, e a *Princeza de Bagdad*. Em 1881 representava-se pela primeira vez, com um successo assombroso, a *Sociedade onde a gente se aborrece*, fazia-se *reprise* da *Dora* com a Virginia, punha-se em scena a *Odette*, traducção d'uma alta personagem, tentava-se sem resultado, a *Sobrinha do marquez*, e obtinha-se, a 22 de novembro, com Brazão e João Roza, o grande exito do *Othello*. Seguiu-se, em 1883, o *Drama no fundo do mar*, o *Grande industrial*, e a *Fedora*, traducção da mesma alta personagem, — outro grande triumpho de Brazão. Em 1884 revelava-se o illustre dramaturgo Lopes de Mendonça na *Noiva*, Fernando Caldeira fazia representar as *Nadadoras* e a *Chilena*, montava-se o *Cardeal Richelieu* e o *Ruy Blas*. Em 1885, a maior das ovações coroava a creação magnifica do Duque d'Alléria, no *Marquez de Villemer*. Em 1886 um agrado excepcional consagrava o *Duque de Vizeu*. Em 1888 subia á scena o *Hamlet*, cujo gibão negro e cuja espada de ferro acabavam de affirmar em Brazão o actor tragico. Em 1889 surge Marcellino de Mesquita com a *Leonor Telles*; em 1890, D. João da Camara com o *Affonso VI*; em 1891, Schwalbach com o *Intimo*; em 1892, Alberto Braga com a *Estrada de Damasco*, cuja *première* ficou celebre.

D'ahi por diante, os nossos leitores recordam-se bem das creações de Eduardo Brazão, — tantas como os papeis que desempenhava. Esse soberbo *trio* de principes, de verdadeiros fidalgos do theatro, representando quando lhes aprazia, tendo um supremo desdem pelo dinheiro e vivendo sumptuosamente *en grands seigneurs*, — marca um dos mais nobres e mais levantados periodos do theatro em Portugal. Nunca, a não ser depois, com Ferreira da Silva — outro grande de Hespanha da scena portugueza — houve peças tão bem montadas no theatro de D. Maria II.

«Il n'y aura jamais de civilisation ou le theatre n'est pas possible» — disse George Meredith, no seu *Ensaio sobre a Comédia*. A medir-se o nosso grau de civilisação pelo merito dos nossos grandes actores, — com Brazão, Ferreira da Silva, João Roza e Augusto Roza, podiamos considerar-nos... um dos primeiros paizes do mundo!

Eduardo Brazão no «Amigo Fritz»

Eduardo Brazão na «Leonor Telles»

Eduardo Brazão no «Kean»

BRAZÃO NA INTIMIDADE — O REGRESSO A D. MARIA II

Até aqui, Brazão actor. E Brazão intimo?

Seguramente, poucas creaturas de Deus haverá mais fidalgamente sympathicas e d'uma maior e mais portugueza bonhomia. É encantador de affabilidade e de simplicidade. Tem uma vida regrada e activa de inglez, um circulo limitado de intimos, um *chez-soi* confortavel e rico onde passa as horas que lhe deixa livre o theatro. Vive com a sua velha governante Marianna, um modelo de carinho e de dedicação, — e com o seu Jack, um *mops* magnifico, mimoso como uma creança. Quando o grande artista não veste o escapulario do *Frei Luiz* ou a opa chamarrada d'*Othello*, — faz photographia. No verão, viaja, passa por Paris e vae corrigir a Cauterets o seu indomavel arthritismo. No Gradil, a sua bella propriedade, onde não quiz voltar depois da morte de Roza Damasceno, tinha uma vida activa, andava de jaléca, calça de belbutina, espora de prata, — e fazia equitação. Hoje, no quasi recolhimento em que vive, pode parecer um misantropo. Mas não: é apenas uma creatura que se isola pelo instincto d'uma profunda aristocracia de pelle.

Este isolamento fidalgo constitue, mesmo, um dos segredos da sua celebridade. A vida inteira de Brazão, como a dos dois Rosas, foi

sempre um protesto consciente e fecundo contra o processo por que hoje em dia se fabricam reputações, — mais pelos botequins e pelas esquinas, do que nos theatros e nos *ateliers*. O que hoje é, deve-o não só aos seus recursos plasticos nativos, mas á cultura progressiva e intelligente d'esses proprios recursos, ao trabalho constante d'esse ouro bruto,— trabalho de todos os dias, de todas as horas, de todos os instantes. O seu triumpho significa a affirmação irrecusavel de superiores qualidades de lucta disciplinadas por um alto criterio profissional.

Um dia, perguntando-lhe alguem como conseguira tanto poder de dominação e tão grande prestigio sobre o publico, o illustre artista respondeu em poucas palavras, que devem ser d'um vivo ensinamento aos novos:

—«Não indo a cafés, não intrigando, não dizendo mal de ninguem, — e estudando, estudando muito, estudando sempre...»

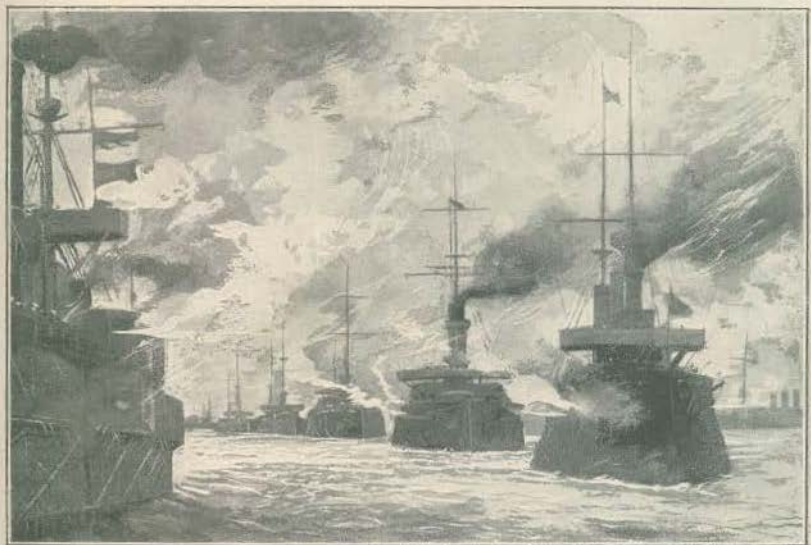
Eduardo Brazão no seu gabinete — Eduardo Brazão na sala de jantar

LAGOS

O SEU PASSADO — O SEU FUTURO

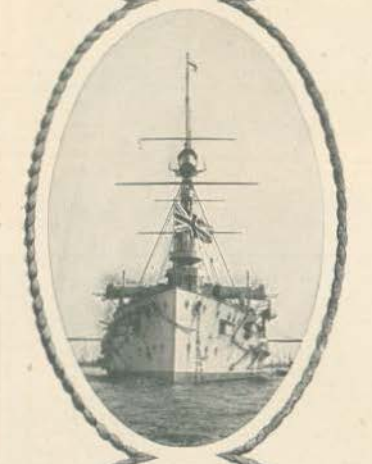
Robustos e formidaveis couraçados, cruzadores velozes, audazes torpedeiros, vós todos que desfraldaes ao vento a bandeira de S. Jorge da velha Inglaterra, eu vos saudo!

Quando, ha mais de tres seculos, a tempestade, colhendo nas aguas da Mancha a Invencivel armada, dispersou os navios de Medina Sidonia, o brado de alegria que então sahiu do peito dos marinheiros inglezes rematava com uma prophecia orgulhosa, que chegou até nós sob a fórma poetica de ballada maritima: «—E mais longe, mais longe, mais longe ainda? Mais longe, mestre, vejo o pavilhão da gloriosa Inglaterra, que cruza, elle só, sobre os mares, como o sol no firmamento.»—A ambiciosa visão do futuro dos valentes companheiros de Drake e de Forbisher não logrou, nem logrará jamais realisar-se, tanto ella vae além do limite das coisas possiveis; mas se a bandeira da Grã-Bretanha não domina exclusivamente sobre a liquida planura, como o sol na abobada celeste, nem por isso é menos verdade que o primeiro logar alli lhe pertence, e que,

Um aspecto da esquadra — O couraçado almirante «Exmouth» — Outro aspecto da esquadra

com justa razão, lhe cabe o nome glorioso de rainha dos mares.

Robustos e formidaveis couraçados, cruzadores velozes, audazes torpedeiros, vós todos sobre que tremula orgulhosa a bandeira de S. Jorge da velha Inglaterra, eu vos saudo!

Meio envolta ainda nas brumas da manhã, a facha estreita onde acaba pelo sul a terra portugueza começa a desenhar-se no horisonte: é a costa do Algarve, são as rochas escarpadas do Sacro Promontorio e da historica ponta de Sagres, são as pequenas praias de areia apertadas entre rochedos, é a ponta da Piedade e a vasta bahia de Lagos, e depois, a fugir para leste, como indo ao encontro do sol nascente, o pittoresco litoral algarvio, que vae morrer mais além na margem do Guadiana, mirando a sua hespanhola visinha, a branca Ayamonte. E o mar, o grande Atlantico, tantas vezes irado e carrancudo, vem hoje, manso e risonho, beijar-lhe com a sua preguiçosa ondulação a orla recortada.

Aguas amigas são tambem para os poderosos navios que as veem demandando, estas que se estendem pela larga bahia que se lhes abre na proa, e a velha Lacobriga, a Zarraia dos Arabes, como que sorri para os hospedes bem-vindos, detraz das antigas muralhas que o mar vem hoje lamber mansamente, e que outr'ora, n'um dia de tremendo cataclysmo, galgou furioso e espumante n'um arranco de desusada colera. Ao largo, cortando com o aço das suas proas um mar sem rugas, os potentes navios da rainha do oceano demandam as praias d'onde n'outro tempo, na aurora de uma epoca de glorias e de heroismos, largaram em busca de mundos desconhecidos as frageis caravellas de Gil Eannes e de Laçarote; e esses pequenos barcos, aves do mar, que abrindo as brancas azas soltaram d'este canto da velha Europa o seu atrevido vôo atravez dos mysterios do mar tenebroso, deram a Lagos uma prosperidade passageira, fazendo-a porto de armamento de successivas expedições aventurosas, que lhe traziam, na volta, os productos da exploração das costas visitadas, e os primeiros captivos que d'aquellas paragens vieram a Portugal. E d'esses escravos negros, baptisados por ordem do Infante-Navegador, encontrára o bom Azurara, n'esta mesma villa de Lagos, os filhos e os netos, e nas proprias palavras do chronista se percebe o regosijo que sentia de os ver tão bons christãos:... *e eu que esta estorya ajuntei em este vellume, vy na villa de Lagos, moços e moças, filhos e netos dagnestes, nados em esta terra tam bõõs e tam verdadeiros Xpaãos, como se decenderam, do comęço da lei de Xpõ, per geraçom, daquelles que primeiro foram bautizados.* Teem mudado as coisas com o andar dos tempos, e comtudo, quando as pesadas ancoras dos vossos navios fizerem espadanar as aguas da bahia, e o recorrer das amarras nos escovens annunciar á velha cidade que em frente d'ella acaba de surgir a vossa formosa e arrogante esquadra, marinheiros de Inglaterra, achar-vos-heis em boa companhia, se quizerdes invocar estas memorias do passado. São figuras gigantes, as d'esses primeiros navegadores portuguezes, e aqui, á vista de uma terra portugueza, e no convivio de agora, casar-se-ha bem a idéa do vosso colossal poder hodierno com as gloriosas tradições maritimas dos vossos amigos e alliados. A costa é mansa, a bahia é vasta, o tempo é de paz, mercê de Deus, e por isso a velha cidade costeira se regosija de vêr

em frente das suas muralhas, tão luzida companhia; mas o vento nem sempre é norte, e a paz nem sempre é firme; e, se contra as furias do levante, Lagos não abriga os seus hospedes, contra um ataque ou surpreza do inimigo, tambem os não protege. Máu porto é pois este para quando os tempos não correm bonançosos; uma refrega de sueste torna-o deserto, um vento de guerra, sopre elle d'onde soprar, não é provavel que o torne procurado. Tempos houve, é certo, em que outros navios, e d'essa vez em som de guerra, sulcaram estas aguas e combateram n'estas paragens. No seculo XVII, Tirville travou batalha, aqui proximo, com o almirante Rooke; Boscawen, no seculo XVIII, perseguiu até dentro da bahia os navios do chefe de divisão de la Clue, e ainda por ultimo, quasi nos nossos dias, Napier, com a esquadra vencedora do combate do Cabo de S. Vicente, aqui veiu surgir, trazendo como tropheus da victoria as presas que fizera. As condições porém da guerra maritima são hoje outras, a Inglaterra, estendendo a mão amiga á sua grande visinha e antiga rival, apaga o clarão do incendio que outr'ora ateou nos navios francezes, que n'estas mesmas praias tinha obrigado a encalhar; e o perigo de guerra, se perigo ha, adeja por ventura em mais altas latitudes. Mas como, no dizer do antigo rifão: «o futuro a Deus pertence», vae tu, boa cidade algarvia, sob o teu ceu azul, e ao calor do teu sol semi-africano, gosando por emquanto o espectaculo que te offerece a magnifica esquadra que te visita, e as suas correctas manobras e evoluções, e ouvindo o troar cortez da artilharia com que ella sauda o teu solo, a tua bandeira, e a pessoa do teu Rei. A presença d'estes monstros d'aço nas aguas do teu porto poderá ainda por ventura despertar-te idéas bellicosas; mas quando elles forem desapparecendo e alongando-se no horisonte, onde apenas ficará pairando por algum tempo a negra fumarada das suas chaminés, quando depois a noite estender o seu manto sobre a terra, e sobre o mar calmo e deserto, a guerreira visão ter-se-ha breve apagado e de todo desfeito.

Quando muito, debaixo de um resto de excitação produzida pelo brilhante espectaculo, a mente de algum sonhador que pense nas coisas passadas imaginará ainda, fundeada na bahia, alguma velha fragata da esquadra do estreito, a *S. João*, a *Principe* ou a *Golfinho*, que viesse ali descançar um pouco da ardua tarefa de vigiar a costa e de caçar piratas argelinos, ou alguma das de lord Jervis, victoriosa, mas desmantellada, que ali procurasse momentaneo abrigo para reparar as suas avarias, depois do sangrento combate contra os heroicos navios de D. Luiz de Cordova. E depois mais nada, senão o marulhar das aguas sob um ceu sereno e recamado d'estrellas, como este que cobre a abençoada e formosa terra da patria portugueza.

CELESTINO SOARES.
Capitão de mar e guerra.

Molhe cass; o desembarque dos inglezes—O caça torpedeiros «Patrol»—O couraçado «Bulwark»

Varios objectos religiosos

A longa, grave e pertinaz doença de que tem enfermado o sr. Bispo Conde dá uma palpitante actualidade a tudo o que se refere á grande figura do prelado exemplar que governa a diocese de Coimbra.
O artigo que hoje publica a «Illustração Portugueza», devido á penna illustre e elegantissima de Eugenio de Castro, salienta uma das mais nobres feições do caracter do grande prelado, que tão dignamente soube reatar as tradições de D. José de Almeida e de D. João Manuel.

O THESOIRO DA SÉ DE COIMBRA

Os laços de antiga amizade e ainda mais os de parentesco que me unem ao senhor Bispo-Conde, D. Manuel Correa de Bastos Pina, faziam de mim a pessoa menos idonea para escrever do Thesoiro da Sé de Coimbra, se a abundancia e o alto valor das peças que o constituem, valor tão eloquentemente assignalado pelas illustrações d'este artigo, não deslizessem todas as suspeitas de lisonja, que as seguintes linhas poderiam suscitar.

Capa da abbadessa de Lorvão

Demais, os nossos primeiros criticos d'arte, Joaquim de Vasconcellos, Ramalho Ortigão, Sousa Viterbo, Antonio Augusto Gonçalves e outros, fixaram já, e repetidas vezes, com palavras de rasgado louvor, a singular importancia d'esta opulenta collecção, enaltecendo ao mesmo tempo os meritos do seu instituidor, que, afortunadamente, tem dedicado uma boa parte da sua intelligencia, energia e bom senso proverbiaes ao culto da belleza artistica, reatando assim a luminosa tradição, por tantos annos quebrada, d'aquelles grandes Prelados, D. Jorge de Almeida, D. João Soares, D. Affonso de Castello Branco e D. João Manoel, que, chamando architectos, esculptores, ourives, entalhadores, bordadores e tecelões, encheram de preciosidades a velha Sé, com a magnifica prodigalidade d'um enamorado principe italiano da Renascença.

Em materia d'arte, além da organisação do Thesoiro, deve-se ao senhor Bispo-Conde, que, moral e materialmente tantos

Relicario de coral e prata Pertenceu á Rainha Santa

Calice manuelino

Gomil e bacia de prata dourada

Calice manuelino de prata dourada

artistas tem ajudado, a admiravel restauração da Sé Velha, já concluida, e a do claustro do mesmo templo, a que se está procedendo com probidade e criterio pouco vulgares em Portugal, e ainda a creação, no Seminario d'esta cidade, d'uma cadeira de *archeologia christã*, cuja regencia me foi confiada em outubro de 1904. Em este paiz, onde a educação artistica é privilegio de meia duzia de pessoas, e onde as mais nobres iniciativas esmorecem ante as mil complicações e unicas burocraticas que tudo enredam e difficultam, facil será calcular quanta ignorancia e quantas teimosias foi preciso vencer, quantas montanhas d'embaraços e quantas muralhas de papel sellado foi preciso destruir, de quanta paciencia, diplomacia e firmeza foi preciso dispor para a realisação d'aquellas obras. Seria deveras interessante, e ainda espero fazel-a um dia, a historia da lucta que o senhor Bispo-Conde teve de sustentar com entidades diversas para conservar no seu Thesoiro valiosas alfaias que á sua diocese

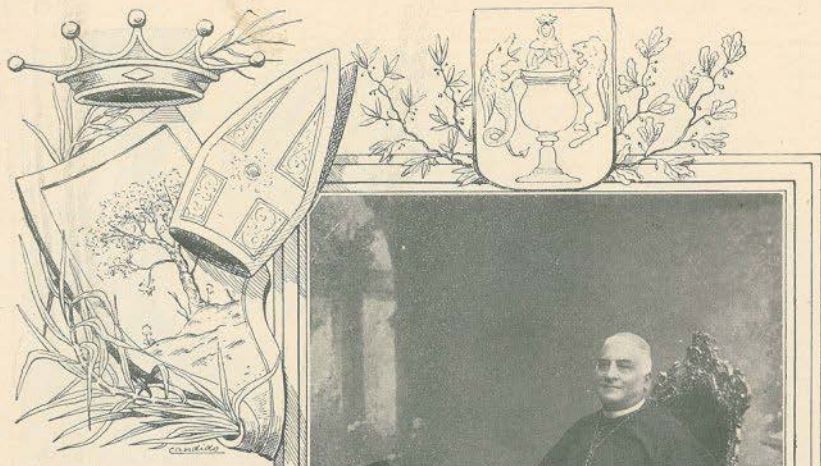
A Virgem, imagem que pertenceu á Rainha Santa. Estatueta de prata dourada e esmaltada. 0,36 de altura.

Relicario de coral e prata. Pertenceu á Rainha Santa

Calice romanico

Cruz relicario de prata dourada guarnecida de esmaltes.

Sacras de prata e lapis lazzuli

Cruz de prata e agatha. Pertenceu á Rainha Santa

pertenciam, e que, sem a sua rigorosa intervenção, estariam hoje tresmalhadas, e algumas d'ellas expatriadas talvez.

Encerrada a Exposição da Arte Ornamental, que se realisou em Lisboa no anno de 1882, e onde a diocese conimbricense tivera brilhante representação, lembrou-se o senhor Bispo-Conde de fundar junto da sua cathedral um museu d'arte religiosa, constituido pelas chamadas *pratas da Sé*, e que successivamente devia ser augmentado com peças provenientes dos conventos em via de suppressão. N'esta, como em todas as emprezas do senhor Bispo-Conde, não intervieram delongas. Estudado o projecto, deu-se-lhe immediata execução. No mesmo dia se escolheram salas adequadas e se encommendaram as *vitrines;* no mesmo dia se chamaram ferreiros que vieram chapear as janellas e portas do futuro thesoiro, e se rebuscaram pedaços de talha antiga para guarnecer prateleiras.

D. Manuel Correia de Bastos Pina, bispo de Coimbra, conde de Arganil

Cruz gothica de 0,80 de altura

Todo este *ferret opus* se exaltava sob a vigilancia continua do senhor Bispo-Conde, que dirigia os trabalhos, que a pensar n'elles adormecia, que com elles sonhava, e com elles se sentava á meza, enthusiasmado e decerto por ver tudo rapidamente concluido, como se tudo aquillo, que para os outros era, fôra seu, com a mesma anciedade do particular que assiste á edificação do palacio onde conta passar uma regalada e luxuosa existencia.

A primitiva installação constava apenas de duas salas: na primeira, estavam as tapeçarias e os paramentos; na segunda, as peças d'oiro e prata.

No emtanto os ultimos conventos iam acabando, e, á proporção que acabavam, ia a collecção crescendo. Não sem o obstaculo d'alguns respeitaveis pedregulhos, cuja remoção não foi das mais faceis, de Lor-

vão, de Semide, de Santa Clara, de Tentugal e de Villa Pouca vinha correndo para o Thesoiro da Sé uma rutilante enxurrada de alfaias preciosas, relicarios, ciborios, thuribulos, calices, gomis, frontaes e dalmaticas, n'uma estranha confusão em que o oiro, a prata, as pedrarias e os esmaltes se misturavam com o velludo, a seda, a tartaruga, o coral e a malachite.

A accumulação tornára-se excessiva. Ousadamente, se rasgou então uma ampla galeria contigua ás duas salas, e ao longo d'ella se dispuzeram, em *vitrines*, os objectos mais preciosos. Entre estes, alguns ha que luziriam como estrellas de primeira grandeza nos mais ricos museus do estrangeiro. Dadas as dimensões naturalmente estabelecidas para este artigo, apenas mencionarei as peças mais notaveis pela belleza e pelo valor historico.

Eugenio de Castro

Do seculo XII, a crossa do baculo de S. Bernardo, em cobre doirado, e o bello calice romanico que na orla da base tem a legenda: *Geda Menendiz me fecit in onorem sci michaelis e MCLXXXX;* do seculo XIV, o relicario de coral e prata, a imagem da Virgem com o Menino ao collo e a cruz d'agatha, objectos que pertenceram á Rainha Santa, e todos elles marcados com as armas de Portugal e de Aragão; do seculo XV, a grandiosa cruz processional cuja reproducção acompanha estas linhas; do seculo XVI, a custodia tão sumptuosamente decorativa de D. Jorge d'Almeida, uma caldeirinha de prata com o brazão do mesmo Prelado, uma riquissima collecção de calices, e a bacia e gomil tambem aqui reproduzidos em gravura; do seculo XVII, a grande custodia e a cruz-relicario do Bispo D. João Manuel, o relicario de Santa Comba e uma grande cruz de azeviche; finalmente, do seculo XVIII, o jogo de sacras em prata e lapis-lazuli.

Na secção dos paramentos, figura, em primeiro logar, a capa da abbadessa de Lorvão, com sebastos soberbamente bordados, e na das tapeçarias um panno flamengo, representando Marte e Venus surprehendidos por Vulcano, e uma alcatifa persa, em seda, verdadeira maravilha de brilho e côr.

Referindo-se ao Thesoiro da Sé, escrevia ha mezes o sr. Joaquim de Vasconcellos: «Quem subscreve «estas linhas teve ensejo de visitar repetidas «vezes os museus «capitulares de «alguns dos cabi«dos mais ricos «da Europa; pode «comparar sem «prevenções e «julgar do va«lor das obras «expostas por ex«periencia pro«pria e por al«gum estudo, ad«quirido durante «longos annos de pacientes investigações; não he«sita, comtudo, em affirmar que o Museu de Coim«bra rivalisa com os mais opulentos.»

O mesmo illustre critico escrevera tambem na *Arte e Natureza em Portugal*: «A creação do Mu«seu é um exemplo preclaro, dado aos restantes «prelados portuguezes, que podem e devem abrir «os thesouros das cathedraes ao estudo. O senhor «Bispo-Conde soube achar em Coimbra o artista«erudito, competente para a difficil obra da Sé «Velha (1). Temos fé que encontrará, sem sahir «de Coimbra, o archeologo sagaz e bem informa«do, que deve inventariar n'um indice impresso, «luminoso, manuseavel e barato as incompara«veis riquezas do museu diocesano.»

Mezes antes da publicação do artigo do senhor Joaquim de Vasconcellos, o senhor Bispo-Conde confiára ao distinctissimo e benemerito professor Antonio Augusto Gonçalves e ao auctor d'estas linhas a catalogação dos objectos do seu museu, trabalho que se acha concluido e que brevemente será impresso.

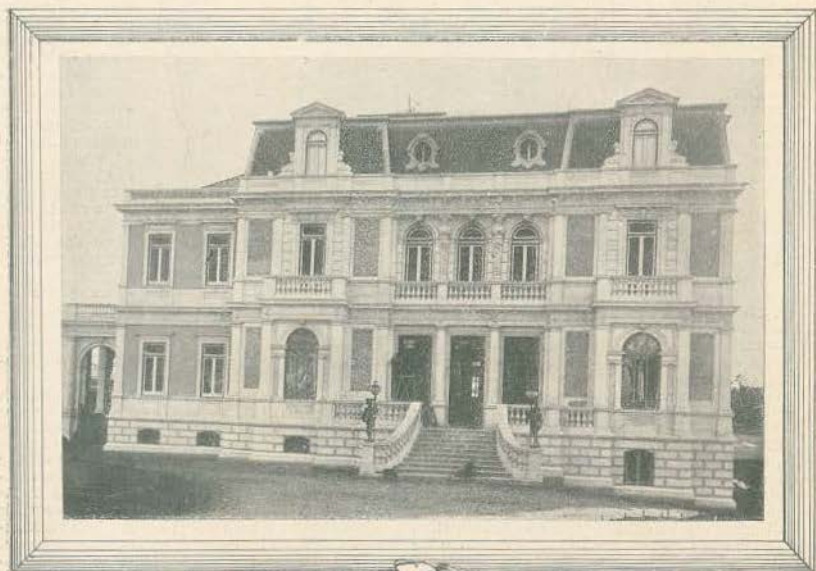
Coimbra, 24 de fevereiro de 1906.

EUGENIO DE CASTRO.

(1) Delineou e dirigiu todos os trabalhos o sr. Antonio Augusto Gonçalves, illustre director da Escola Industrial de Coimbra, filho d'aquella cidade, que tanto lhe quer e tão intelligente estudo dedica aos seus monumentos, como o tem provado de sobejo n'esta publicação. (J. de V.)

AS NOVAS CONSTRUCÇÕES DE LISBOA

I

O PALACIO SOTTO MAIOR

Todos os dias se ouve lastimar a indolencia dos portuguezes, a inercia que caracterisa, n'este periodo de universal afan, em que todos os povos redobraram de actividade, o povo outr'ora tão laborioso e irrequieto que nós fomos. Os pessimistas — que são, por indole, todos os declamadores e todos os rhetoricos, — affiançam a irremediavel decadencia, quasi o desapparecimento, das innatas qualidades emprehendedoras, ousadas e tenazes da grande raça, que tanto trabalhou na historia da civilisação e do progresso. E no emtanto, é todos os dias tambem, que estamos dando exemplos eloquentes da permanencia d'essas grandes e energicas qualidades de caracter, ás quaes devemos a prosperidade e a gloria antigas.

O palacio de Sotto Maior — Sr. Candido Sotto Maior

As transformações rapidissimas por que passou Lisboa n'estes ultimos sete annos são, entre muitos outros, um documento da nossa capacidade, sob o restricto ponto de vista da actividade e da iniciativa portuguezas. O ultimo anno do seculo XIX assistia aos trabalhos preliminares da nova e vastissima cidade, com que Lisboa ia engrandecer-se em direcção ao norte e ao nascente, e já hoje, nas largas avenidas abertas, as arvores crescem,

dão sombra e flôr, os palacios alinham-se e os globos de luz electrica enchem com o seu luar as noites escuras e chuvosas de inverno.

Se a Avenida da Liberdade, rompendo as grades do antigo Passeio Publico, fez progredir a cidade e a sua vida meio seculo, a conclusão da rotunda do Marquez de Pombal e das suas avenidas irradiantes, dilatando por mais um milhão de metros quadrados a area de Lisboa, desenvolveu parallelamente as inclinações e os habitos do conforto e do luxo, que são caracteristicas da civilisação contemporanea. Quando todas as cidade da Europa e da America, desde Berlim, que se enche de estatuas, até ao Rio de Janeiro, que se alarga em grandiosas avenidas, procuram tornar-se dignas do seu destino de «centros confluentes da vida da humanidade», só Lisboa, depois de edificar a sua avenida central, parecia exhausta por um immenso esforço e decidida á renunciade maiores progressos. E' que a consciencia do seu glorioso futuro de entreposto commercial do Atlantico não lograra radicar-se ainda no descrente e desalentado espirito nacional. Mas pouco tempo bastou para que a inercia da vespera se transmudasse na actividade de hoje. Em pouco mais de sete annos, Lisboa espraiou-se pelas suas cercanias bucolicas. Os «tramways» electricos avançaram por novas ruas, que poucos mezes antes eram terras de trigo. As avenidas Fontes Pereira de Mello, Antonio Augusto de Aguiar, Ressano Garcia, Antonio Maria de Avellar estenderam as suas filas symetricas de arvores atravéz todos os obstaculos. Na Lisboa somnolenta, tão rigorosamente descripta por Eça de Queiroz no *Primo Basilio* e n'*Os Maias*, despertavam as energias mais tenazes ao serviço das iniciativas mais ousadas. Trinta ruas, quarenta

O «Hall» Renascença—O Vestibulo Imperio

ruas, cincoenta ruas appareceram como por encanto, illuminadas, arborisadas, edificadas.

A «Illustração Portugueza» convidou um dos nossos mais distinctos escriptores, que é ao mesmo tempo um dos funccionarios de mais elevada categoria do municipio, a escrever-lhe a historia sensacional das transformações de Lisboa, historia que em breve começaremos a publicar. Julgamos porém interessante acompanhal-a de umas breves noticias descriptivas, illustradas profusamente pela photographia, sobre as grandes casas que se estão edificando na nova e magnifica cidade, e que constituirão para de futuro um subsidio do mais alto valor para a historia de Lisboa no principio do seculo XX, notabilisada pelas obras de maior importancia realisadas depois da reconstrucção pombalina.

O palacio que o sr. Candido Sotto Maior está concluindo na avenida Fontes Pereira de Mello, e com que iniciamos esta interessante série de monographias, começou a construir-se em 2 de março de 1902, tendo principiado a construcção da enorme muralha de supporte, sobre o largo do Andaluz, em 24 de junho do anno anterior.

O magnifico edificio, de estylo *composito*, com predominancia da architectura franceza sobre a italiana, é de uma grande harmonia de linhas e eleva-se ao centro de um vasto jardim gradeado, com a fachada principal voltada para a avenida. O terreno, com as edificações n'elle existentes e no decurso das obras totalmente demolidas, foi arrematado em hasta publica por 41:100$000 réis. Onde hoje os jardineiros estão plantando roseiras, elevava-se no fim do seculo passado — ha seis annos ainda — o palacio dos Mayers, construido nos principios do seculo XIX. Era uma vasta edificação forrada de azulejo azul, com torreões, no estylo symetrico e linear do tempo, no genero do palacio de Marrocos, em Bemfica. O projecto

O palacio do lado norte — O architecto sr. Antonio Rodrigues Nogueira

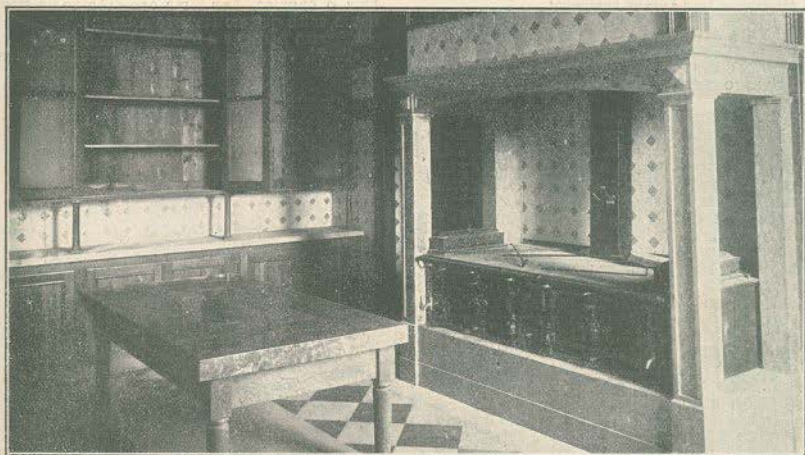
da nova e esplendida casa, que veiu substituir o antigo solar dos Mayers, é do capitão de engenharia, lente da Escola do Exercito, adjunto technico ao gabinete dos dois primeiros ministros das obras publicas do actual gabinete, e antigo deputado sr. Antonio Rodrigues Nogueira. Como auxiliares, na qualidade de desenhadores, o illustre engenheiro—que se estreiara como architecto na edificação da sua casa e na de seu cunhado, o sr. ministro dos extrangeiros, situadas na mesma avenida,—teve primeiramente o sr. Ezequiel Bandeira, que vinha de terminar o curso de Bellas Artes, e a seguir o sr. Carlos Alberto Correia Monção.

O interior do palacio corresponde por completo á sua imponencia e belleza exteriores. O centro do edificio é occupado por um immenso *hall* em estylo Renascença, decorado pelo pintor hespanhol Emilio Ordoñes, com estuques de Domingos Meira, e para o qual abrem as portas do vestibulo principal, em estylo Imperio, do salão Luiz XV e do pequeno salão Arte Nova, decorados pelo pintor Domingos Costa, da sala de jantar, em estylo Renascença, projecto do architecto João Antonio Piloto, com talha de Antonio Pucche e pinturas de Teixeira Bastos e Ribeiro Junior, do vestibulo da entrada latteral, decorado com pinturas de Battistini, em estylo Luiz XVI, da escadaria principal, no mesmo estylo Renascença do formosissimo *hall*, com talha de Filippe e pinturas muraes de Domingos Costa, e as salas de jogo e de bilhar, pintadas, esta ultima em estylo oriental, por Emilio Ordoñes, que egualmente pintou os tectos dos quartos, que occupam o primeiro andar do edificio, com todas as suas numerosas dependencias.

N'esta obra monumental, que constitue um novo diploma de honra para o illustre engenheiro que a delineou em todos os seus detalhes e que superintendeu na sua sumptuosa decoração interna, trabalharam em media 200 operarios. Toda a casa e os jardins são illuminados a luz electrica, para o que possue installação propria de 2 grupos electrogeneos de 25 H. P. cada um, movidos pela combustão do *gaz pobre*, e uma grande bateria Tudor.

Como se vê, o engenheiro não abdicou no architecto. Antes pelo contrario, os vestigios da sua passagem intelligente notam-se por toda a parte. O aquecimento do edificio participa de varios systemas. A par dos fogões monumentaes, para carvão e lenha, vêem-se fogões electricos, além de uma rede completa de caloriferos de ar quente, que á vontade se transformam em refrigerantes. A agua quente circula n'um thermo-syphão por todo o vasto edificio.

Apesar de incompleto, o palacio Sotto-Maior offerece já, interiormente, despido, como se acha, de mobiliario, um aspecto de grandiosa opulencia.

Para dar uma idéa do seu luxo ornamental, bastará dizer-se que as placas de luz electrica que illuminam as cozinhas e as copas são de bronze cinzelado! E por toda a parte, no revestimento dos terraços, que é de azulejos de Colaço, no delineamento dos jardins, na collecção vastissima de lustres, de serpentinas e lanternas, encommendadas a uma das principaes casas de bronzes artisticos de Paris, se nota a preoccupação de arte e o gosto requintado, que orientou o homem excepcionalmente culto, a cujos vastos conhecimentos e energia de vontade o sr. Candido Sotto-Maior confiou o plano e a edificação da sua casa, que é hoje o principal ornamento architectonico da avenida Fontes Pereira de Mello.

A cozinha

Os Tumulos Romanos de Condeixa

Meus caros amigos

PEDEM-ME que lhes tire photographias dos tumulos achados em Condeixa, e que lhes mande uma noticia sobre o seu valor archeologico.

Com o tempo de aguaceiros que vae, é impossivel tirar as photographias; mas nada perdem com isso os leitores da «Illustração Portugueza», porque no Museu de Antiguidades do Instituto foi recolhida a parte mais importante do achado, e lá a desenhei.

A serie de sepulturas agora encontradas estava fóra do segundo recinto de muralhas das ruinas romanas de Condeixa-a-Velha, um dos sitios mais pittorescos dos lindos arredores de Coimbra, notavel pelo contraste flagrante entre os campos ferteis da povoação moderna e a esterilidade das ruinas romanas.

Apezar do seu interesse, não só sob o ponto de vista da belleza do logar, como das curiosidades romanas e dos monumentos do Renascimento, é sitio pouco concorrido de forasteiros, e ruinas e monumentos vão desapparecendo ao abandono.

Com prazer citarei a unica excepção que conheço, n'este desprezo geral por monumentos tão interessantes: o sr. dr. João Augusto Antunes, ao serem postos a descoberto os arcos decorados da egreja de Santa Christina, queimada e saqueada na invasão franceza, e barbaramente restaurada depois, quiz fazer a restauração total da egreja, conseguindo-o ainda em duas capellas em que João Machado mostrou a fina sensibilidade com que comprehende a esculptura decorativa do seculo XVI.

A obra não se concluiu, porque o sr. dr. João Augusto Antunes, que nas restaurações feitas gastou muito do seu, não conseguiu interessar os habitantes nem auctoridades superiores pelo seu bello emprehendimento.

A'parte esta excepção, as ruinas teem sido saqueadas, e os monumentos caem ao abandono.

E não se passa um dia sem que o acaso da lavoura não ponha a descoberto objectos de curiosidade artistica, sem utilidade geral, porque se somem nas collecções particulares ou são levados pelos estrangeiros que visitam por vezes as ruinas.

O achado de agora não se apresenta como de importancia superior aos que se teem feito nas ruinas anteriormente.

E' porém curioso pelas circumstancias que o determinaram.

Conta assim o caso o lavrador que fez o achado:

—Ha muito que eu andava a scismar e não podia descobrir a causa que fazia a fraqueza da minha seara.

«Sementes ninguem as deitava á terra melhores do que eu; e a novidade, ao apparecer viçosa como as mais, mudava pouco a pouco e a seara ficava por fim rachitica e o fructo enfezado.

«Eu lavrava, eu cavava tão bem ou melhor do que os mais, e era todos os annos a mesma coisa.

«Sempre a seara má!...

«E, ao lado, os campos dos outros sempre melhores que o meu.

«Escolhia sementes novas, lavrava, cavava, esperava o melhor tempo, semeava, e sempre, como no primeiro anno, a seara fraca, enfezadinha.

«Este anno tirei-me dos meus cuidados e disse comigo: leve o tempo que levar, eu hei de descobrir o enguiço. Por força que debaixo da terra havia coisa que me comesse a seara!

«Puz-me a cavar e a olhar para a terra.

«Cavei, cavei... A principio, encontrei terra,

RESTOS DA MURALHA

1906

tijolos e mais tijolos. E' fructa que ha por ahi por toda a parte com fartura. Não era isso que me comia a seara.

«Estava eu já sem esperança de descobrir a lepra que m'a matava, quando a enxada bateu n'uma pedra.

«Cavei, afastei a terra, fui alargando a cova, e a pedra não acabava...

«Olhei melhor, bati-lhe com a enxada, lascou. Era argamassa do tempo dos mouros, dura, sem mosaicos.

«Procurei n'um sitio, n'outro, pelo campo, sempre a mesma argamassa.

«Era ella a ladra!

«Puz-me a quebral-a. Por baixo, outra vez terra boa...

«Fui quebrando e cavando e pouco depois dava com uma sepultura; depois outra, e outra, até quatro.

«E ha mais!

«Abriu-se a primeira, e encontrou-se dentro uma ossada inteira com os ossos todos no seu logar, e, ao pé da cabeça, do lado direito, uma garrafinha de vidro.

«Veiu o povo todo vêr! Deram-me cabo da seara. O damno que elles por ahi fizeram! Remexeram os ossos, deram cabo de tudo. Salvou-se a garrafinha, porque eu a levei para casa.

«O tempo aperta, quando não eu punha tudo a descoberto este anno; mas tenho de semear.

«Com isto tudo, só perdi!

«Estragaram, partiram; a perda que elles me deram não a faço com quatro mil réis...

A seara tão cantada, e os quatro mil réis de perda são para enternecimento dos archeologos; é bom que saibam o que teem a pagar...

❀

Pouco mais lhes posso dizer do que o lavrador. A exploração foi incompleta, perturbada pela interferencia da curiosidade do povo, que em tudo mexeu, deslocando e mutilando os esqueletos.

Salvaram-se duas sepulturas: uma veiu para o museu do Instituto de Coimbra, onde a desenhei; a outra foi para o Porto.

Tinham sido postas a descoberto quatro, e o lavrador affirma que encontrára outras formadas por grandes tijolos, além das de calcareo.

A do museu do Instituto é composta de uma arca de calcareo, apparelhado, mais larga da parte onde estava collocada a cabeça, coberta por uma tampa de calcareo apparelhado, composta de dois fragmentos eguaes e talhada á medida de arca.

A arca é composta tambem por duas pedras eguaes, apenas justapostas, sem outra ligação.

Duas travessas de ferro em cada uma d'ellas parecem destinadas a amparar a tampa. Na tampa e do lado da cabeça ha gravados ornatos geometricos formados por circulos entrelaçados, que, se tinham pretenção a decoração, abonam pouco as aptidões artisticas do esculptor.

Todas as sepulturas estavam orientadas do oriente para occidente. Os esqueletos tinham a cabeça do lado do oriente.

Além d'estas sepulturas de pedra, diz o lavrador ter encontrado outras de tijolo, que destruiu na occasião.

Dentro do tumulo que veiu para o Instituto encontrou-se o lacrimatorio, que desenhei e que está tambem no museu.

❀

Pela situação das sepulturas abaixo do pavimento rustico romano, pela circumstancia do lacrimatorio, pelo resto de olaria romana encontrada á volta parece estarmos em frente de um cemiterio romano.

O lavrador diz ter encontrado vestigios de outros lacrimatorios; mas são sempre para muitas reservas as affirmações mais seguras, n'este caso.

A exploração, agora interrompida, far-se-ha depois das primeiras colheitas, e então poderá ser convenientemente dirigida e vigiada.

E' para estranhar não se encontrar, dentro de nenhuma das sepulturas, outra coisa mais do que as ossadas.

Nem o mais insignificante objecto de metal ou marfim.

Não pôde fazer-se o exame dos esqueletos; por isso não lhes posso dizer se eram de homem se de mulher, nem pronunciar-me sobre outra circumstancia ou particularidade que lhes diga respeito.

❀

Além do tumulo e do lacrimatorio veiu tambem para o museu do Instituto um fuste de columna.

Desenhei-o tambem.

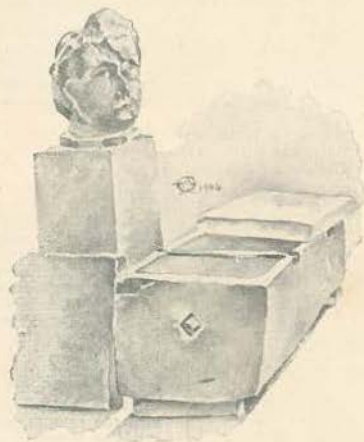
E' de uma construcção singular, n'esta região em que a pedra era tão vulgar.

A' volta de um nucleo formado de tijolos, modelaram em cal o fuste canelado, de uma bella linha.

Revela bem a justeza da observação de A. Augusto Gonçalves sobre o valor e a significação das construcções romanas do nosso paiz.

Eram ellas trabalhos dos legionarios em tempo de paz; por isso reproduziam processos apren-

didos, esquecendo muitas vezes os recursos da região, para executar mechanicamente processos da industria romana.

Ao lado de um ou outro raro artista, que difficilmente se deslocaria, havia a multidão de artistas populares ignorantes, semeando o que sabiam ao acaso do seu deslocamento.

Assim surprehende por vezes o encontro de um bello pavimento de mosaico, n'uma população de que restam apenas vestigios de edificações sem importancia.

No Museu de Antiguidades do Instituto ha uma collecção de mosaicos e obras romanas, postas a descoberto n'uma exploração recente, dirigida pela secção de archeologia e feita a expensas de S. Magestade a Rainha Senhora D. Amelia, de que posso escrever-lhes, se o desejarem.

Seria um bem serviço chamar a attenção dos poderes publicos para as abandonadas ruinas de Condeixa, que mereceriam ser estudadas e conservadas com o cuidado que devia impôr o facto de serem, na importancia e na conservação, unicas em Portugal.

Com pouco se poderá fazer obra boa e proveitosa.

Para outra vez escreverei mais de espaço; que esta vae, como mandam, a toda a pressa.

T. CARVALHO.

(Texto e desenhos do dr. Joaquim Teixeira de Carvalho).

Sepulturas antigas, muito provavelmente dos primeiros tempos christãos, romanas ou visigothicas, noticiadas pelo «Seculo» em 12 de fevereiro de 1906

Condeixa-a-Velha—Sepulturas antigas

(Clichés do sr. Mesquita de Figueiredo)

SIR FRANCIS HYDE VILLIERS

Novo ministro de Inglaterra, recebido em audiencia solemne por S. M. El-Rei no dia 5 de março

(Photographia tirada expressamente para a «Illustração Portugueza»).

Aspectos do Carnaval no Porto

Carro do saneamento—Carro do charuto e da espiga—O commissario geral ao lado da Rainha das Rolhas, impedindo que figure no cortejo—Os Zés Pereiras á porta do club—Grupo dos 23—Carro de honra do club—Carro dos 9 Fenianos—O cortejo dos Fenianos